

XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento Histórico e Diálogo Social

A Relação entre Arte - Política – Sociedade: em cena o poeta chileno Pablo Neruda*

CÁSSIA ABADIA DA SILVA**

*Foi sangrenta toda a terra do homem.
Tempo, edificações, rotas, chuva,
Apagam as constelações do crime,
O certo é que um planeta tão pequeno
Foi mil vezes coberto pelo sangue,
Guerra ou vingança, armadilha ou batalha,
Caíram homens, foram devorados,
Depois o esquecimento foi limpando
Cada metro quadrado: alguma vez
Um vago monumento mentiroso,
Às vezes uma cláusula de bronze,
Depois conversações, nascimentos,
Municipalidades, e o esquecimento.
Que artes temos para extermínio
E que ciência para extirpar lembranças!
Está florido o que foi sangrento.
Preparar-se, rapazes,
Para outra vez matar, morrer de novo,
E cobrir com flores o sangue. (NERUDA, 2010: 133)*

Pertencentes a uma classe de artesãos específica que produz na tentativa de combater o “extermínio” e o “extirpar lembranças”, coadunamos práticas e métodos que nos permite estabelecer diálogos, como obter reconhecimento entre os pares. Ao fazer uso dos instrumentos desse métier nossos olhos assistem entusiasmadamente sair das mãos objetos, produtos que são únicos, pois possuem traços que são próprios de quem os produziu, ou seja, mesmo partilhando de ferramentas comuns, a forma como talhamos nosso material é que dará sentido ao produto final.

* Trabalho desenvolvido sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

** Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

O artesão, ao talhar sua matéria-prima, vai dando forma a um objeto que talvez tenha determinado valor só para aquele que o produziu, assim quando o historiador em seu labor escolhe construir um objeto de pesquisa partindo de desejos, indagações, inquietações pertencentes às suas experiências, busca compreender e dar sentido por meio de suas vivências ao longo do tempo, reconstruindo “um vago monumento mentiroso”.

O tempo se coloca como um dos elementos desafiadores para o historiador no desenvolvimento de seu ofício, além deste estar situado em uma determinada temporalidade, o “tempo do interpretador”, “presente que interroga o passado”, passado esse que buscamos torná-lo novamente vivo, com outra roupagem que é constituída ao criarmos narrativas sobre determinados fatos, acontecimentos, eventos, práticas, personagens ou lugares que rememoramos com a finalidade muitas vezes de entender uma dada realidade que se nos apresenta em fragmentos e destes tecemos uma provável representação daquilo que consideramos mais relevante, que se apresente como “possibilidade de horizontes outros para futuro”.

A relação com diferentes temporalidades faz parte de nossos cotidianos, nas pesquisas lançamos questões inerentes ao tempo presente, a um passado próximo ou não ainda que seja com a idílica sensação de buscar inspirações para construir e viver outro mundo em um futuro tão esperado e projetado. Muito embora o passado seja um dos fios que juntamente com outros vamos tecendo o conhecimento histórico, o que podemos fazer, nós, principiantes desta arte que crescemos em meio à diluição de todas as crenças, presenciando os reflexos da deturpação do socialismo e da consagração do individualismo niilista da extrema direita, a que passado se voltar, a que passado referenciar? O historiador Eric Hobsbawm analisando sobre o “breve século XX”, aponta para essa perda de papel do passado em nossa sociedade:

No fim deste século, pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela

vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-se, nossa viagem. (HOBSBAWM, 1995: 25)

Essa falta de perspectiva em relação ao passado juntamente com outros sintomas como a sensação de vazio, a perda de aspirações e ideais, a falta de algo em que acreditar e lutar, a perda da capacidade de elaboração crítica daquilo que acontece na sociedade em todas as suas dimensões e mesmo quanto à organização de nossa sociedade e a forma como os indivíduos se relacionam com esta e os demais indivíduos, nos desperta uma espécie de fascínio quando tomamos contato com vestígios deixados por alguns sujeitos que ao longo do tempo não mediram esforços em pensar e lutar por outros mundos possíveis, sujeitos que não se calaram diante das imposições, que dedicaram suas vidas em prol de um ideal, em prol da construção de outra sociedade e muitas vezes se engajaram através de seus próprios ofícios, o que evidencia Inês Skrepetz:

*Em todas as épocas tivemos personalidades que gravaram seus pensamentos nas paredes da História, ou melhor, seres humanos inconformados perante uma realidade que os vestia com um manto nada acalentador. Por isso se despiam dela e, desnudos de qualquer veste “modeladora”, iam para o campo de batalha somente com a espada e o escudo criados por seus ideais. Podemos, então, chamar estas armas de Poesia, Filosofia....indignação perante uma marcha controlada por um poder condicionante, sem canalizadores para a maior razão da vida: a **Liberdade**. (SKREPETZ, 2008: 17)*

Do fascínio que nos causam determinadas figuras engajadas frente ao nosso tempo de comodismo é que buscamos construir um objeto de pesquisa capaz de refletir principalmente o papel do intelectual dentro da sociedade, pensando e questionando primeiramente a nossa postura na contemporaneidade enquanto pretensos intelectuais. Assim, tomamos em nossa análise o poeta chileno Pablo Neruda e sua poesia tendo em vista que a Literatura e assim como demais artes proporcionam um diálogo frutífero com a História.

Pablo Neruda ou Ricardo Neftalí Reyes Basoalto nasceu na cidade chilena de Parral em 12 de julho de 1904 perdendo a mãe logo em seu nascimento, mudou-se com pai que era ferroviário para Temuco onde passará sua infância, a fauna e a flora lhe

causava grande admiração, são emocionantes as páginas de sua autobiografia “Confesso que vivi” ao lembrar daquelas paisagens. Outro fato marcante foi o encontro com a poetisa Gabriela Mistral. Em sua adolescência já escrevia e publicava seus versos, assim como se interessava pelas questões estudantis e já em 1923 lançava seu primeiro livro “Crepusculário” enquanto cursava francês e pedagogia na Universidade do Chile.

Outra fase da vida de Neruda começa na década de 1920 quando inicia sua carreira de diplomata conhecendo primeiramente o oriente e depois ao longo de sua vida em vários países do ocidente, mas significativo foram os anos que passou na Espanha e vivenciou os horrores da Guerra Civil Espanhola na década de 30, o que causou também grande impacto em suas obras a posteriori, e sua própria postura enquanto intelectual, lutando por uma arte e poesia em especial que considerasse as questões políticas e sociais.

Na década de 40 inicia sua carreira na política como senador, se filia ao Partido Comunista Chileno, se envolvendo e comprometendo cada vez mais com os desafios sofridos por seu povo, mas a face autoritária do governo de Gonzáles Videla o obrigou a exilar em 1949 em Buenos Aires após viver de forma clandestina em seu próprio país por dois anos.

No México em 1950 publica uma de suas obras mais conhecidas “Canto Geral”, Neruda canta as belezas e os sofrimentos do Chile e da nossa América desde a nossa condição de conquistados com a descoberta do novo mundo. Dois anos depois retorna do ao Chile produzindo e publicando vários livros de poesia.

Apaixonado com seu ofício de poeta escreveu até seus últimos dias, escreveu sobre diversos temas, sobre a política do Chile e de tantos outros países, sobre as injustiças, os problemas e as dores sociais, sobre as paisagens dos análogos lugares que passou em suas viagens e sobre uma história a parte que são seus amores, suas mulheres e casamentos, “Cem sonetos de amor”, um dos livros mais conhecidos é a prova desse amor pelas mulheres, sendo muitos dos poemas dedicados a sua última companheira Matilde Urrutia.

Reconhecido e consagrado Neruda já havia sido agraciado com várias premiações e indicações ao prêmio maior da literatura o Prêmio Nobel de Literatura, o qual recebeu em 1971. Contudo uma das vozes que marcou e cantou a literatura na América e no mundo se calou em setembro de 1973 poucos dias após o golpe militar encabeçado por Pinochet e a morte de seu companheiro político Salvador Allende, todos esses acontecimentos abalaram ainda mais sua frágil saúde, os quais também fizeram parte das últimas páginas escritas em sua autobiografia inacabada “Confesso que vivi”. Após sua morte Neruda teve várias obras publicadas dentre elas a autobiografia citada acima e outro livro de prosa “Para nascer nasci”, o qual iremos trabalhar mais detalhadamente em nossa pesquisa, além de muitos outros livros de poesia.

Muitos de nossos pares podem nos questionar sobre a “autenticidade” de tal empreendimento ou sobre a importância de tomar um caminho já proposto por tantos outros trabalhos, no entanto vivenciamos um momento historiográfico que nos permite construir o conhecimento histórico a partir de múltiplas possibilidades e que as linguagens e artes em geral podem nos evidenciar registros de uma época como qualquer outro material considerado fonte e documento, Marcos Silva e Jorge Nóvoa analisando obras cinematográficas apontam que qualquer obra de arte porta em si as marcas de seu tempo:

Cada obra de arte é um fazer social, existe no tempo histórico, documenta seu próprio fazer e também os estados de ser da sociedade onde ela começou a existir e passou a circular. Tudo que os seres humanos fizeram, fazem ou farão pode ser considerado documento para a pesquisa histórica, sem qualquer demérito para sua existência – ser documento para o historiador não é perder a identidade social de origem. [...] Uma obra de arte não deixa de ser obra de arte quando tratada como documento histórico. Nem a ciência nem a arte, perde nada, quando assim procede. (SILVA, NÓVOA, 2012: 184)

Ao tomar o poeta Pablo Neruda e suas obras nosso objetivo é compreender as distintas realidades vividas por ele, do jovem tímido chileno ao reconhecido poeta do Prêmio Nobel de 1971, analisando enquanto homem de seu tempo, comprometido com as questões de sua época. Nossa preocupação é tornar evidente as questões de época que incitaram Neruda aliar poesia a política, verificar quais as lutas vividas pelo autor dentro

e fora do Chile, na América e no mundo e que ganharam vida em suas poesias e inúmeros livros traduzidos em diferentes idiomas.

Fazendo um pequeno levantamento bibliográfico acerca de Neruda e o conjunto de sua obra, algo fundamental e necessário em nossas pesquisas para ao menos identificar quem são nossos interlocutores, suas perspectivas sobre o objeto de pesquisa que nos aproxima, nos deparamos com uma quantidade significativa de estudos em diferentes campos do conhecimento que referenciam de alguma forma a vida e obra do poeta. Destaca-se que não há como passar despercebido o engajamento do poeta com as questões vigentes em sua sociedade, pois como escreve uma de suas biografias Margarita Aguirre:

Pocos hombres viven “empeñados en su deber original” con tan sostenida pasión. Porque Neruda ha sabido conciliar la grandeza de su talento poético com una visión profunda de la sociedad de su época. Es múltiple y variado, y sin embargo siempre el mismo.[...] Pensemos, finalmente, que su poesía es a veces oscura y otras simple, pero no pierden nunca su verdad, sus raíces humanas y perdurables. (AGUIRRE, 1967:20-21)

Cabe destacar que nosso objetivo não é fazer apenas um estudo biográfico, nem mesmo empreender uma análise que se pautar por questões estéticas da escrita de Neruda, mas sim captar alguns de seus temas e a forma como estes são apresentados em sua escrita a fim de ressaltar as dores, sofrimentos vivenciados por distintos sujeitos sociais e em diferentes situações e lugares, muito dos estudos sobre a poética de Neruda buscam classificar sua produção em diferentes fases e muitas vezes embasados em processos históricos que o poeta viveu ao longo de sua carreira enquanto intelectual, cônsul, diplomata, senador.

O engajamento se apresenta como elemento comum de qualquer reflexão sobre Neruda e é o que nos mais chama a atenção, eixo central de nossa análise. Tal engajamento é constituído a partir de uma relação complexa entre arte/ política/ sociedade que irá resultar em uma poética classificada por muitos de seus pesquisadores, leitores e críticos especializados como engajada, mas as quais experiências estariam ligadas? Alguns apontam que o engajamento passa a fazer parte

da poética de Neruda a partir de suas experiências enquanto diplomata sobre os horrores vividos durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39) que seria uma espécie de marco em sua escrita. São deste contexto uma série de textos publicados na revista *Caballo* na Espanha que causaram grande repercussão, pois, além de críticas quanto a sua proposta acerca da forma de escrita, Neruda coloca em discussão o que devem ser os temas da poesia e qual a postura do poeta. Para ele, seria uma postura engajada capaz de enfrentar os desafios que estavam vivendo, não cabia mais pureza, a arte pela arte parecia não fazer sentido ou ser suficiente diante de tal conjuntura, o conteúdo agora deveria ser visto com a mesma importância que a forma, o que podemos conferir também em seu livro “Para nascer nasci” em especial no poema em prosa “Sobre uma poesia sem pureza”:

Seja assim a poesia que buscamos, desgastada como por um ácido pelos deveres da mão, penetrada pelo suor e a fumaça, olente à urina e à açucena salpicada pelas diversas profissões que se exercem dentro e fora da lei.

Uma poesia impura como um traje, como um corpo, com manchas de nutrição e atitudes vergonhosas, com rugas, observações, sonhos, vigílias, profecias, declarações de amor e de ódio, animais, sacudimentos, idílios, crenças políticas, negações, dúvidas, afirmações, impostos. (Neruda, 2011:140)

Entretanto, acreditamos que o engajamento faz parte da vida do poeta desde que se propôs viver sob tal condição, pois logo em sua tenra juventude Ricardo Neftalí Reyes Basoalto frente à recusa do pai em relação à carreira de poeta acaba adotando definitivamente em 1920 o pseudônimo de Pablo Neruda em suas publicações, o engajamento tão ressaltado a partir da década de 30 parece acompanhá-lo mesmo quando era conhecido como um “jovem revoltoso”, envolvido nos movimentos estudantis no Chile.

Já o engajamento político parece principalmente como um compromisso que deveria se estender à sua poesia, pois a literatura também teria sua função social, fruto de inúmeras experiências inerentes à própria constituição do Chile enquanto nação, a luz do seu passado de exploração e de sangue derramado pelos bosques, mares e cordilheiras assim como por toda a América, tantas vezes temas de suas elegias, sendo a

maior delas uma das suas obras conhecidas e premiadas “*Canto General*” (1950). Entretanto as experiências vividas no governo ditatorial de González Videla, os avanços do totalitarismo, do fascismo, o impacto da Guerra Civil Espanhola, a consolidação da URSS, em que o socialismo se apresentava como uma alternativa e muito próxima de ser alcançada o que o levou a se preocupar e a se ocupar das questões políticas cada vez enquanto senador, membro do Partido Comunista Chileno.

Uma paixão especial de Neruda merece destaque, a paixão pela Rússia, desde sua infância apresentou um grande fascínio que foi sendo aguçado pelas leituras das novelas russas sugeridas pela poetisa chilena Gabriela Mistral, o que também se torna evidente em sua poesia quando referencia inúmeras vezes o poeta russo Vladimir Maiakóvski, que já na década de 20 também aventurou-se por uma poesia que ousava para além da forma, capaz de cantar a nova sociedade, o novo homem que se gestava sob o socialismo, o propulsor da poesia política que, com certeza, muito influenciou em muito o escritor chileno. Mas, uma parte mais significativa das poesias está relacionada às transformações impulsionadas pela URSS. Neruda sofreu inúmeras críticas quando escreveu um poema sobre Stalin, mesmo após as descobertas de seus crimes e mantendo-se no Partido Comunista diferentemente de muitos intelectuais. Em seu livro autobiográfico “Confesso que vivi”, nos relata uma visita a Moscou que evidencia um pouco dessa paixão:

Parei em Moscou na volta. Esta cidade é para mim não só a magnífica capital do socialismo, a sede de tantos sonhos realizados, mas também a morada de alguns de meus amigos mais queridos. Moscou, para mim é uma festa. (NERUDA, 2007: 284)

Outro aspecto importante em seus escritos são as reflexões acerca de seu ofício, falando sobre a função social da literatura em tratar daqueles esquecidos e marginalizados para além das paisagens geográficas que habitam, dos lugares e condições de trabalho, dos seus amores, dores e sofrimentos, a poesia enquanto arma de combate e luta, “a poesia é uma insurreição”:

Os deveres do poeta foram talvez sempre os mesmos na história. A honra da poesia foi sair à rua, foi tomar parte nesse e naquele combate. O poeta não se assustou quando o disseram insurgentes. A poesia é uma insurreição. Não se ofende o poeta porque o chamam subversivo. (NERUDA, 2011: 371-372)

Tentamos considerar Neruda e parte de sua obra, notadamente em “Para nascer nasci”, a partir das questões de época, – algumas destas foram comuns para muitos intelectuais espalhados por todos os cantos do mundo nas décadas de 1960 e 70 –, buscando compreender o engajamento não como algo exótico frente aos nossos olhos contemporâneos, mas como uma condição e um compromisso para aqueles que, como aponta Delson Biondo:

Infelizmente, ao poeta tocou viver numa época cheia de incertezas, guerras, tiranias, perseguições e privações de liberdade. Mas felizmente foi também uma época em que os jovens, intelectuais e artistas, na sua maioria, ainda possuíam uma porta aberta, uma opção de vida, uma ideologia a seguir: o impetuoso e pujante caminho da militância política. Talvez muitos jovens de hoje, confortavelmente instalados em suas casas e livres em seus atos e idéias, não consigam compreender as conseqüências terríveis que aquela escolha poderia acarretar aos militantes políticos de países não-democráticos: o silêncio, a tortura, o exílio ou a morte. Mas, por outra parte, valia a pena correr esse risco porque, embora os resultados fossem incertos, os objetivos eram inegavelmente nobres: usar as palavras para transformar a sociedade, combater o obscurantismo, batalhar a favor da liberdade de expressão e em defesa da vida e da paz, realizar o sonho de um mundo melhor para todos. (BIONDO, 2005: 51-52)

Bibliografia:

AGUIRRE, Margarita. **Genio y figura de Pablo Neruda**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1967.

BIONDO, Delson. Neruda e o México: Encontros e Desencantos. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n°. 65, p. 43-69, jan./abr. 2005.

COSTA, Adriane A. Vidal. Pablo Neruda: Um Poeta Engajado. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, v.º 1, n°. 35, Jul./Dez., 2006.

GODOY, Elena. Sobre a Poesia *Política* de Neruda. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, n°. 65, p. 71-91, jan./abr. 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NERUDA, Pablo. **Para nascer nasci**. Tradução de Rolando Roque da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SILVA, Marcos; NÓVOA, Jorge. O problema do belo em *Morte em Veneza e Blow-up* tensões, conflitos e contradições no real que a estética reconstrói. In: COSTA, Cléria Botelho; PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (orgs.). **Temas de história cultural**. São Paulo: Hucitec, 2012.

SKREPETZ, Inês. Pablo Neruda: o intelectual diante do poder. **Luminaria**. IEPS/ PR, vº. 1, nº. 9, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ines.pdf>.

NERUDA, Pablo. **Últimos poemas: (O mar e os sinos)**. Tradução de Luis de Miranda. Porto Alegre: L&PM, 2010.